

A dimensão do urbano no Serviluz e a configuração socioespacial das guerras e suas fronteiras simbólicas: a perspectiva das crianças

Deiziane Pinheiro Aguiar¹

Leonardo Damasceno de Sá²

Resumo

Este trabalho busca compreender o processo de segmentação socioespacial de uma favela à beira-mar na perspectiva das crianças moradoras do Serviluz. A interface da antropologia da criança e da antropologia urbana é mobilizada etnograficamente para discutir os problemas da violência e da conflitualidade entre territorialidades inimigas ligadas a lutas facções armadas que afetam a vida social das crianças do lugar de modo decisivo. A comunidade local do Serviluz está localizada na beira da praia de um enclave na zona portuária e industrial do Grande Mucuripe – Fortaleza – CE. Trata-se de uma comunidade local que nas representações dos moradores é classificada de modo alternado como “comunidade”, “favela” e “bairro popular”, uma vez que a área não possui representação oficial na divisão administrativa e política do município. As classificações do lugar na ordem simbólica da cidade são marcadas por recorrentes atributos de violência, criminalidade e prostituição. E o modo como as crianças moradoras falam de si mesmas oscila entre reproduzir tais estigmas e buscar versões alternativas para deles escapar. Sendo um lugar de “glórias” (prêmios conquistados pelos jovens da comunidade nos campeonatos de surfe do circuito nacional e mundial), isso confronta a imagem de lugar violento, entre outros agenciamentos das crianças para lidar com o preconceito. As lutas e resistências pelo direito popular à moradia também compõem a imagem de si das crianças e suas famílias. Todavia, há a imagem negativa trazida pela zona de baixo meretrício que historicamente está associada ao lugar de moradia das crianças. O interesse é discutir como esse universo de conflito afeta os modos de existência das crianças e suas territorialidades infantis. O objetivo é explorar as concepções imaginárias das crianças, as reflexões e os relatos delas sobre como aprenderam a lidar com as “guerras” na favela nos momentos em que ocorrem e no modo como as relações de conflito se espacializam, limitando e também incitando suas experiências como crianças na circulação pelo lugar de moradia, o que envolve deslocamentos e itinerários por becos, ruas estreitas, suas casas e as dos vizinhos, farol velho, paredão, áreas de prostituição, campo de futebol, escolas, projetos sociais, praia e pracinha. As brincadeiras, as interações e os atributos construídos pelas crianças do Serviluz estão estreitamente ligados às práticas de segmentaridade dos

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFC e integrante do Laboratório de Estudos da Violência – LEV/UFC.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFC e pesquisador do Laboratório de Estudos da Violência – LEV/UFC.

adultos, numa rede de correlações, onde a brincadeira e a diversão se sobressaem diante das atribuições negativas das locações estigmatizadas onde elas se dão.

Palavras-chave: etnografia urbana, favela, crianças.

Introdução

A orla marítima da cidade de Fortaleza (CE) é, historicamente, um lugar de moradia das camadas populares. São zonas de alta vulnerabilidade civil e socioeconômica, onde a população, principalmente, crianças e adolescentes, está inserida em situação de alta exposição à violência letal, conflitos armados entre traficantes de drogas, exploração sexual de crianças e adolescentes, e uma onda de homicídios sem precedentes na história do Ceará. A taxa de homicídios no Serviluz é praticamente o dobro do restante da cidade, a morte matada por arma de fogo é recorrente e faz parte da realidade cotidiana dos moradores.

As crianças e os adolescentes do Serviluz pertencem a um contexto familiar complexo, a maioria dos pais são usuários abusivos de drogas, traficantes, ladrões, assaltantes, prostitutas, homicidas, ameaçados de morte, agressores domésticos, entre outros elementos que fazem com que o lugar seja percebido com um dos mais violentas da cidade de Fortaleza.

O Serviluz pode ser compreendido como uma comunidade de "glórias" (prêmios conquistados pelos moradores nos campeonatos de surfe do circuito nacional e mundial), disputa de território entre facções rivais, "perdas" (altos índices de violência letal e outras modalidades de interação violenta), marcada fortemente pela segregação socioespacial, lutas e resistências, abandono dos poderes públicos, onde os direitos pela vida, direitos à saúde, à educação, ao lazer, à alimentação são "esquecidos", são negligenciados a essa população. As relações, as práticas, os discursos nesse contexto são dos mais variados possíveis.

Além da exclusão e da vulnerabilidade civil e socioeconômica, situação comum às crianças e aos adolescentes e jovens de favelas da Região Metropolitana de Fortaleza, aqueles que vivem nas praias da costa leste e da costa oeste continuam sendo, culturalmente, moradores de lugares marítimos, com distintividades culturais de comunidades de pescadores artesanais, afro-ameríndias descendentes, de povos mestiços, que povoam o litoral do Ceará com concepções, heranças e valores tradicionais

ressignificados em situação pós-colonial, pós-escravista e pós-tradicional no contexto da modernidade tardia do capitalismo contemporâneo nordestino.

Os segmentos populacionais destes lugares de ocupação popular do litoral da metrópole enfrentam em disputas sociais históricas os segmentos hegemônicos com seus investimentos e agenciamentos de poder social baseados na violência organizada, e também em modernos procedimentos de especulação imobiliária e financeira, como são os arrojados dispositivos avanço da especulação imobiliária sobre as praias populares. Portanto, as favelas à beira-mar estão em lutas históricas contra a segregação socioespacial que foi estabelecida de acordo com os critérios e os movimentos dos padrões de moradia de camadas médias, médias altas e ricas da cidade.

As atividades culturais dos jovens nas praias inserem-se em um embate político pela apropriação pública ou privada do espaço urbano. As estratégias de reprodução social e cultural dos jovens são decisivas para a permanência deles nos espaços litorâneos.

Os jovens praiheiros se movimentam no sentido leste-oeste, portanto, na horizontalidade da planície litorânea das praias urbanas dos circuitos de jovens na metrópole. As galeras da costa leste e da costa oeste formam, portanto, duas configurações marítimas que são formadas pelos fluxos socioculturais nos dois sentidos gerais em que se realiza a circulação efetiva de pessoas pelas praias urbanas da orla de Fortaleza. A saber, ou os jovens concentram-se com suas famílias na costa oeste nos bairros Vila Velha, Barra do Ceará, Cristo Redentor, Pirambu, Moura Brasil e adjacências (Regional I), convergindo para os circuitos de lazer, esporte e encontro da Barra do Ceará, da Leste-Oeste ou da Praia de Iracema, ou estão nas comunidades da costa leste, no Mucuripe, na Varjota, no Castelo Encantado, no morro Santa Terezinha, no Serviluz, no Vicente Pinzõn, na Praia do Futuro, no Caça e Pesca e nos arredores (Regional II), convergindo para os circuitos de práticas culturais da Praia de Iracema, da Beira-Mar e da Praia do Futuro.

As crianças, os adolescentes e os jovens do Serviluz estão cotidianamente em situação de exposição à violência e à criminalidade ligada ao mundo das drogas e de tráficos de armas com recrutamento ainda na infância para realização de assaltos e outras ações criminosas. Estão expostos à violência institucional, principalmente, à violência policial. Além do mais, estão na fronteira dos agenciamentos realizados para a exploração sexual de crianças e adolescentes e o recrutamento para o mercado do sexo. São sujeitos

sociais com baixa escolaridade, vítimas dos altos índices de drogadição no ambiente familiar, incluindo mães e pais, da insegurança alimentar e da exclusão sociocultural.

As crianças, os adolescentes e os jovens no contexto da favela do Serviluz estão cerceados por divisões territoriais, estão vivendo e convivendo numa comunidade "partida", por exemplo, quem pertence ao segmento territorial da Estiva não pode passar para o segmento do Titanzinho. Muitas crianças crescem sem saber e sem poder usufruir da praia do Titanzinho. A liberdade de uma praia pública e de todos os moradores da comunidade vem sendo pouco à pouco trabalhada pelos projetos sociais lá existentes. As atividades interativas desenvolvidas principalmente pelo Anailton, educador social e coordenador do Projeto Metamorfose, tem conseguido com dificuldades reunir crianças e adolescentes de diferentes áreas de conflito na praia do Titanzinho. A praia, segundo uma voluntária do Projeto Metamorfose, é um local de liberdade e onde as pessoas vão para relaxar, refletir. A relação dos moradores com a praia possuem significações subjetivas, de sobrevivência, de direitos, de interação social, de respeito, de busca por lazer e diversão, de encontro com a natureza e, segundo eles, "de encontro com a perfeição das coisas que Deus faz".

Sobre os jovens do Serviluz, Sá (2010) descreve as práticas culturais dos jovens moradores da comunidade do Serviluz, como se dava a vida social de jovens em uma favela à beira-mar considerada uma das mais violentas pela ordem simbólica da cidade e militarmente ocupada pelas forças militares do Estado. Sua investigação sociocultural traz os âmbitos da escala de valores da favela em diversas relações, como por exemplo, um jovem da comunidade que rouba os de "dentro" é considerado um problema sério e com total descrédito. As tretas muitas vezes de cunho interpessoal passam a ser coletivas e uma série de conflitualidades se instauram nas intersubjetivas e nas práticas cotidianas do bairro, podendo uma pessoa se tornar uma figura subjetiva indesejada na "favela".

Além disso, Sá (2010) argumenta que o Serviluz é uma área de risco, segundo a Defesa Civil de Fortaleza, pois está no quintal de uma distribuidora da Petrobras, que armazena produtos inflamáveis e altamente explosivos. Muitas problemáticas afetam o lugar: a falta de água, luz, saneamento básico, a ameaça do avanço do mar contra os barracos e um constante "comer com areia" em detrimento dos ventos fortes; as lutas entre gangues juvenis, lutas faccionais, "há períodos de calmaria no Serviluz e períodos de guerra aberta" (SÁ, 2010, p. 247).

Mediante uma diversidade cultural existente na comunidade, que fazem parte das práticas culturais dos jovens: pesca artesanal, surfe, música, dança, estilo de vida praieiro, religiosidade popular e projetos sociais, há duas práticas culturais desenvolvidas no lugar que são suas maiores riquezas e que possuem destaque: a pesca artesanal e o surfe.

Sobre as crianças do Serviluz, Sá (2010) explana que elas crescem no *mundão* e aprendem com ele, pois:

[...] são acolhidas e rejeitadas pelo mundo por não terem tipo acolhimento em suas famílias. O que é o mundão? Mundão é algo que se diz de boca cheia, ‘eu vim do mundão’, ‘eu fui do mundão’, ‘me criei no mundão’ [...]. O mundão é o lugar da irmandade no crime. Mas também da irmandade na sobrevivência, o que implica principalmente receber afeto, carinho e atenção de alguém. [...] as crianças brincando de peia, aprendendo a brigar em torneios informais de vale-tudo, ou brincando de polícia e bandido com cabos de vassoura e pedaços de madeira que simulam as pistolas dos confrontos reais que assistem sistematicamente em seu mundo vivido, em seus locais de moradia, se objetivando como objetos de violência (SÁ, 2010, PP. 248 e 256).

Os jovens do Serviluz possuem relações intersubjetivas abrangentes dentro da comunidade e demonstram ter respeito por suas famílias e amigos, *consideração*. Mas no universo das lutas armadas eles dizem: “antes a mãe dele chorar do que a minha”. Eles atribuem a esse estilo de vida como algo natural a dinâmica de pessoas envolvidas no crime e explicam: “o caçador deve ter mais predadores para não ser a caça do dia”. Os mercados ilícitos de drogas e armas estão presentes, mas não são os únicos motivos das mortes dos jovens. Disputas por segmentos territoriais, disputas amorosas, vingança familiar, discussões banais em contextos interacionais perfazem as dinâmicas da violência armada letal.

“Favela” à beira-mar?

A “favela” do Serviluz tem uma praia que é a sua *feira*, dela se tira o sustento pela pesca, se “tira onda” para surfar e se divertir, campeonatos de surfe local, na praia do Titanzinho se bate um racha de futebol e no mar se banha o corpo que já é salgado desde os tempos de infância, pois muitos são nascidos e criados na localidade, a contemplação do mar na ponta do espigão, prática recorrente de crianças, adultos e idosos,

onde as *socialidades* se constroem no “fluxo das ondas” entre a praia do Titanzinho e a praia do Vizinho. Um paraíso sem igual que deixa encantado tantos os visitantes, um paraíso natural que também é banhado por um “mar de sangue” e de lágrimas (alto índice de violência letal), mas também de esperança, como por exemplo, o esporte como construção de cidadania e “salvação” dos jovens.

O Serviluz é uma “favela” à beira-mar localizada na capital cearense, Fortaleza, a quinta capital do país em termo de população, tem mais de 2 milhões e 400 mil habitantes. A comunidade do Serviluz está situada numa faixa de praia de pouco mais de três quilômetros enquistada na zona portuária, entre o cais do porto e o início do circuito de turismo e lazer da Praia do Futuro. Seu nome oficial não consta como Serviluz na Secretaria Executiva Regional II, e sim como Cais do Porto. Dessa maneira, o Serviluz inexistente na configuração urbana de Fortaleza e quando falamos dele estamos falando de um dos bairros situados no Grande Vicente Pinzón, que estão entre o Mucuripe e a Praia do Futuro³.

A renda média do Serviluz, segundo os dados do Censo demográfico de 2010, é de R\$393,02, ou seja, inferior ao salário mínimo atual⁴. Pertencem a uma das Regionais (SER II) mais ricas da cidade Fortaleza⁵, pois entre os dez (10) bairros mais ricos da cidade, a Regional II possui os nove (9) bairros mais ricos. Outro aspecto revelador das condições sociais da comunidade diz respeito ao seu IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Seu IDH – Educação figura entre os 10 piores de Fortaleza, mas sendo a Regional II a melhor no IDH comparada as outras Regionais. O IDH – Educação é

³ Mas o Serviluz não é a única “favela” à beira-mar da orla marítima de Fortaleza. Existem ainda Vila Velha, Barra do Ceará, Pirambu, Cristo Redentor, Moura Brasil, Poço da Draga, Praia do Futuro e Caça e Pesca. Assim como estas, o Serviluz é uma comunidade no litoral leste da cidade de Fortaleza, onde vivem 22.382 pessoas³ distribuídas em aproximadamente cinco mil famílias, em uma área de 2,56 km². Pode ser compreendido como uma comunidade de “glórias” (prêmios conquistados pelos moradores nos campeonatos de surfe), disputa de território entre facções rivais, “perdas” (altos índices de violência letal e outras modalidades de interação violenta), marcada fortemente pela segregação socioespacial, lutas e resistências (tentativas de remoção por parte do poder público e de empresas privadas), abandono dos poderes públicos e, também, onde entre 1960 e 1990 funcionou a principal zona de meretrício da cidade de Fortaleza, mesmo entrando em colapso não desapareceu por completo, pois surgiram novos mercados do sexo diferentes do formato antigo, destacando aqui a exploração sexual infantil.

⁴ O salário mínimo atual é de R\$724,00, para fins comparativos.

⁵ A Secretaria Executiva Regional (SER) II é formada por 20 bairros, onde moram 325.058 pessoas. O grande objetivo da Regional II é reduzir os desníveis sociais entre seus bairros. A Regional II abrange a Aldeota, bairro com grande adensamento comercial e de serviços, responsável por importante fatia da arrecadação municipal. Os bairros da SER II são: Aldeota, Cais do Porto, Cidade 2000, Cocó, De Lourdes, Dionísio Torres, Engenheiro Luciano Calvalcante, Guararapes, Joaquim Távora, Manuel Dias Branco, Meireles, Mucuripe, Papicu, Praia de Iracema, Praia do Futuro I e II, Salinas, São João do Tauape, Varjota, Vicente Pinzon. Fonte: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/regionais/regional-II>>. Nessa regional ainda temos Castelo Encantado e morro Santa Teresinha, duas comunidades com perfil semelhante ao Serviluz.

calculado a partir da variável Porcentagem da População de 10 anos ou mais alfabetizada. Seu IDH, segundo o site da Prefeitura de Fortaleza, é 0,386.

Sobre a situação socioeconômica e histórica da comunidade do Serviluz, Sá (2010) ressalta:

Destarte, a população residente no Serviluz está marcada por três fontes principais de estigmatização, marginalização e exclusão social. A primeira fonte está ligada à prostituição, pois no Farol Velho, porta de entrada do Titanzinho, funciona uma das mais antigas zonas de baixo meretrício da cidade com concentração de cabarés e de trabalhadores e trabalhadoras do mercado do sexo, com casos graves de exploração sexual comercial de crianças e adolescentes, violações, violência doméstica e sexual em geral. A segunda fonte é a da periculosidade criminal associada aos conflitos armados entre facções juvenis rivais com arsenais de armas que promovem guerras, vinganças, homicídios rituais, além de estarem envolvidos em diversos graus com o mundo do crime onde imperam acertos de contas, assaltos, furtos, roubos, tráfico de armas, de drogas e alta criminalidade letal. A terceira fonte de estigmas e de imputações negativas é relativa aos riscos socioambientais da área de moradia da comunidade, que está sujeita a incêndios, explosões, soterramentos e contaminações devido à vizinhança inflamável e poluente do complexo industrial portuário do Mucuripe no bairro Cais do Porto (SÁ, 2010, PP. 183 e 184).

Em várias incursões ao campo foram percebidas algumas dinâmicas sociais e espaciais relevantes. Desde logo cedo, muitos bares e pequenas mercearias já estavam abertos, a movimentação de pessoas era intensa, gente chegando (os “de dentro” da comunidade voltando do trabalho, por exemplo, ou os “de fora” chegando para surfar), gente saindo para trabalhar, para ir ao Centro da cidade, nas paradas de ônibus, bêbados movimentado e agitando onde passavam, crianças brincando de bola, de bila ou conversando nas calçadas. As interações e as conversas nas ruas iam se estendendo de esquina em esquina, assuntos que iam desde qual time local iria ganhar no campeonato de futebol até sobre a comida que iriam comer no almoço. Mulheres varriam suas calçadas, lavavam roupas em bacias grandes no espaço das calçadas, enquanto, papeavam com a vizinhança e com os passantes. Sempre aos sábados nos finais das manhãs é costumeiro se encontrar pelas ruas do Serviluz muitas mulheres e homens desempenhando atividades domésticas entre a porta de casa e a rua, pois é o dia que estão de folga do trabalho, “é o dia de lavar roupa suja” (trocadinho com os conflitos latentes). Muitos varais espalhados no meio da rua, muitas roupas, coxas de cama retalhadas. Fica difícil até de passar pela rua. Os passantes driblam e disputam espaço com as roupas que secam, mas um respeito transparece em se passar e não tocar nas roupas do outro.

Crianças que passavam com o saco de pão garantido do dia, quentinhos e que seriam o acompanhante do café que esperava em casa. Crianças aos montes acompanhadas entre elas ou entre adultos, mas sendo mais raro vê-las andando livremente em turmas, de bicicleta na direção ou na garupa, ou caminhando. Na casa das crianças as avós, tias, mães, irmãos, pais ou padrastos esperam o pão para irem trabalhar ou exercer outras atividades. Na casa das crianças há poucos cômodos e a família, sendo numerosa, dorme amontoadas. As casas aparentam constantemente estado de reconstrução. Não há uma semana dentro de uma rua que não se observe uma obra sendo iniciada. As meninas reclamavam de seus quartos não terem portas ou de terem que dividir com os irmãos homens. As casas poderiam ser barracos na beira da praia ou casas simples ou ainda casas duplex. Outros jovens que já morram na rua preferem o chão como cama, pois é mais “friozinho”⁶.

Pichações nos muros dos comércios e em pontos de esquina são sempre visíveis, como por exemplo, “comando favela”, “O Titanzinho precisa de Deus”. Inscricões que sempre remetem ao contexto violento dos conflitos e na expectativa de dias melhores.

Em dias da semana ou nos fins de semana a Praia do Titanzinho sempre está repleta de usuários. Um homem negro, alto e com uma câmera fotográfica especializada está posicionado e com a lente direcionada para aqueles que surfam lindamente na onda perfeita do mar. Ao lado dele, um jovem com uma prancha embaixo do braço. A filha do Titanzinho e a atleta de surfe reconhecida nacionalmente e internacionalmente, Titã, estava costumeiramente marcando presença nas calçadas da comunidade e rodeada por crianças e adolescentes que sonham ser a Titã quando crescerem. Nesse meio termo muitos carrões passavam, os “de fora” vinham ter aulas de surfe particular e muitos chegavam de madrugada quando o pico das ondas era perfeito. As viaturas do Ronda do Quarteirão em todos os turnos se faziam presentes também.

Nas ruas, os costumes alimentares da comunidade e suas práticas interativas se expressavam, como por exemplo, um senhor agachado na calçada, sem camisa segurava um pão numa mão e um peixe na outra; ia comendo os dois simultaneamente.

⁶ Expressão de um “ex-menino de rua” integrante do projeto Metamorfose enquanto fazíamos um café fresquinho de manhã cedo. Ele relata também que nunca precisou tomar café para ficar acordado na rua, pois a própria rua não lhe deixava dormir, pois a atenção era necessária diante dos perigos da rua.

Os jogos nas ruas a qualquer horário do dia. Mas sendo ou grupos só de mulheres ou só de homens, em grande quantidade de pessoas, eles jogam damas e cartas.

As segmentaridades no Serviluz: a perspectiva das crianças

A noção de *segmentaridade* que discutiremos está baseada em Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996). Os autores aludem a uma segmentaridade que por vezes pode ser dinâmica, *flexível*, e outras vezes *dura*. Ambas são potentes em conteúdo e forma, e que podem trazer alusão a configuração simbólica dos segmentos do Serviluz, mas também, podem traçar as percepções dos moradores da comunidade.

O Serviluz é entrecortado por fronteiras e áreas de conflito onde ocorrem diversas disputas por território entre facções rivais, assim como, vários conflitos de fronteiras e, conseqüentemente, se refletem em disputas armadas letais dentro da “favela”. Alguns desses segmentos territoriais são: Farol (zona de baixo meretrício), Titanzinho (onde há a maior concentração da rede de parentesco e onde o surfe é destaque), Estiva (que surgiu em 1960, juntamente com o segmento do Farol e foi ocupado por Estivadores e suas famílias. A permanência destes trabalhadores se justificava por ficarem mais próximos do local de trabalho), Campo do Paulista (segmento dos comerciantes locais e dos donos de peixarias), Portão, Boca do Golfinho, Rastro, Pracinha (o mais novo segmento da comunidade) e Sardinha. Esses segmentos e suas fronteiras são simbólicos, mas desempenham importância na vida do bairro e sendo repressiva zona de poder e, onde também, se constroem as trajetórias, as subjetividades e as interações cotidianas de crianças, adolescentes, adultos e idosos do lugar, ou seja, um alto grau de significação é percebido na vida social daqueles que nasceram, se criaram ou chegaram para morar no Serviluz já na fase adulta.

Na percepção dos nativos e interlocutores, entre jovens, crianças, lideranças comunitárias e profissionais que trabalham na localidade, os principais segmentos do Serviluz são: Titanzinho, Estiva e Pracinha. A visibilidade direcionada à essas áreas se dada principalmente por: 1º) são nesses segmentos que se concentram os “bichões da

favela⁷”, as “tretas”⁸ entre os jovens e os assassinatos. 2º) em consequência do primeiro ponto, os projetos sociais e as atividades visam integrar a juventude da comunidade das três áreas, pois a maioria dos moradores não podem deslocar-se de um segmento ao outro, correndo risco de morte. 3º) para além disso, dentro dessas espacialidades simbólicas mencionadas como as principais, há menos de um ano têm surgido segmentos de uma rua para a outra, ou seja, segmentos dentro dos segmentos estabelecidos ou definidos/conhecidos. Os conflitos estão se inflamando e se esvaindo. Alguns interlocutores acreditam que, diante dessa dinâmica, daqui há algum tempo Titanzinho, Estiva e Pracinha irão desaparecer, pois vão se fragmentar cada vez mais por conta das lutas entre as facções armadas e das tretas interpessoais.

Gostaríamos agora de ressaltar o desenvolvimento de uma pesquisa *com* crianças, onde meninos e meninas entre 4 e 12 anos de idade participantes de um projeto social missionário no Serviluz⁹, relataram de diversas formas seus pontos de vista sobre as *segmentaridades* armadas e de conflitos do lugar, em rodas de conversação, ou através de desenhos e pelas conversas informais.

Durante as rodas de conversação com as crianças¹⁰, quando perguntadas sobre o que achavam do Serviluz elas responderam da seguinte maneira: **Marcos**: “Ruim. Porque tem morte”. **Luiza**: “A Favela¹¹ eu acho violento e na minha rua eu acho legal”. Ao serem perguntadas sobre o que achavam do Titanzinho: **Marcos**: “Ruim”. **Luiza**: “Legal”. **João**: “Ruim. Porque não gosta dos outros da Estiva”. **Marcos**: “E nem a Estiva gosta do Titanzinho”. **Luiza**: “Nem um gosta de nem um”. **Marcos**: “Nem um pode se encontrar um com outro. Se a Estiva se encontrar com os cara do Titanzinho aí vai acontecer um bocado de morte”. **Carla**: Eu acho bom. **Marcos**: “Mentira, tia. Ela não mora nem aqui, mora lá no Castelo¹²”. **Carla**: “Merece né, se o tio (se referindo ao

⁷ Bichão da favela (SÁ, 2010) é um termo multifacetado e nativo, que corresponde aos jovens armados da favela que dominam o mundo do crime e ditam as regras no território.

⁸ As tretas são confrontamentos corporais ou discussões, armados ou não, entre os jovens da comunidade em decorrência de variadas motivações: disputas e controle pelo tráfico de drogas e de armas, ou ainda, por zonas de assalto, conflitos interpessoais e, na maioria das vezes, por questões banais, por exemplo, um circuito de fofocas na comunidade podem ocasionar guerras letais e delimitações simbólicas do espaço.

⁹ Os objetivos desse projeto era integrar as crianças pertencentes aos diferentes segmentos armados e de conflitos para que, assim, crescessem amigas e as “guerras” no lugar fossem extintas em futuras gerações.

¹⁰ Na roda de conversação que iriei relatar as crianças pertenciam as principais áreas de conflito. Marcos, Carla, Luiza e Bel são do Titanzinho, enquanto Manu e João são da Estiva. Todas as crianças mencionadas nesse trabalho possuem nomes fictícios, tendo em vista o anonimato dos pesquisados.

¹¹ Favela é uma das segmentaridades do Serviluz, localiza entre o Titanzinho e a Pracinha.

¹² Ele se referia ao Castelo Encantado, favela vizinha ao Serviluz.

coordenador do projeto que estava presente no momento da atividade) não tivesse aqui eu ia te dar uma surra”. **Carla:** “Eu acho o Titanzinho bom, e não quero mais falar”. **Bel:** “Legal”. Sobre a Pracinha elas disseram: **Marcos:** “Boa. Porque tem um parquinho lá”. **Luiza:** “Mais ou menos. Porque lá é o meu colégio, por isso é mais ou menos”. **João:** “Ruim. Porque não gosta dos outros da Estiva”. **Carla:** “Acho bom que tem um parquinho”. **Bel:** “Legal”. Por último, o que achavam da Estiva: **Marcos:** “Ruim”. **Manu retrucou:** “Você foi lá para saber?” **Marcos:** “Fui sim. Bora apostando”. **Manu:** “Ele nunca brincou lá para saber. Não sabe nada”. **Luiza:** “Ruim. Insuportável. Porque lá mata muita gente. Vem pra cá pra matar pessoas”. **Marcos:** “E as pessoas daqui não podem andar lá”. **Manu retruca:** “Pode sim”. **Marcos:** “Pode não”. **Manu:** “Onde é que tá escrito? Em qual parede?”. **João:** “Bom”. **Carla:** “Acho ruim, porque lá tem muita morte”. **Bel:** “Ruim”. **Marcos:** “Mentira, ela nunca foi na Estiva”. **Luiza:** “Mas ela sabe que é ruim que ela viu eu falando”.

As crianças percebem as fronteiras simbólicas, mas também, as internalizam nas suas interações e ressignificam as representações existentes entorno dos segmentos territoriais de conflitos, além de confrontar-se cotidianamente com experiências de distanciamento intersubjetivo entre elas, crianças, e todos os moradores. Expressam fortemente a Estiva como uma *ameaça em potencial* ao Titanzinho, assim como os interlocutores adultos. As crianças que na roda de conversação defendem a Estiva, dizendo ser um local bom e que não gostam do Titanzinho ou da Pracinha, são moradoras da Estiva. Elas compreendem que pessoas de uma determinada área não podem passar para outra, pois isso corresponderia um *risco de vida*. O imaginário das crianças e as significações que faziam das *segmentaridades* estavam sempre conjugados aos assassinatos e às ameaças.

Não podemos deixar de ressaltar que muitas dessas crianças tinham suas redes de parentesco envolvidas no crime, haviam perdidos irmãos, primos, pais em confrontos letais e em decorrências de múltiplas motivações, parentes de consanguíneos ou não, amigos e vizinhos ameaçados de morte, ou seja, o universo infantil desses meninos e meninas estava minado por interações violentas que emergiam de “dentro” e de “fora” das suas zonas de pertencimento, de dentro da comunidade ou oriundas dos bairros vizinhos e de outras periferias da cidade.

Nos desenhos temáticos, elas expressavam a visão que tinham do Serviluz e dos segmentos. Meninos e meninas desenhavam e em seguida me explicavam a

significação dos elementos expostos na folha de papel. Ao desenharem o *Serviluz*, elas se referiam sempre ao Farol, a praia, ao paredão, ao arco-íris e paisagens naturais da comunidade e, também, aos prédios que ficavam após o bairro, na Praia do Futuro¹³. Em todos os desenhos, os elementos da natureza e da paisagem exuberante prevaleceram, mas o Farol e os prédios também ganharam destaque.



Desenho 1: Menina, 9 anos – Titanzinho.

Nesse primeiro desenho à esquerda está o paredão que separa a Praia do Titanzinho da Praia do Vizinho, onde as faixas azuis representam o mar. Na ponta com listras preta e branca é a representação do Farol que existe no fim do paredão. Fazendo parte da praia ela desenhou também um barraco que tem uma escada, ou seja, está com acesso direto ao mar e as nuvens num dia de Sol. A menina simbolizou de maneira simples e realista exatamente o que há entre o paredão e a Praia do Vizinho, procurando ilustrar a visão dela e da comunidade acerca da exuberância natural do lugar e a valorização compartilhada por todos, moradores ou visitantes.



Desenho 2: Menina, 7 anos – Titanzinho.

No desenho 2 alguns elementos prevalecem: Sol, nuvens, arco-íris, sendo a natureza privilegiada na percepção que elas têm da comunidade. Mas a educação, ilustrada pelo alfabeto, pessoas felizes, casa, pé que caminha e um prédio com muitos

¹³ Uma das meninas desenhou um prédio e disse que ele não estava no Serviluz.

andares (estes se encontram aos arredores da comunidade) são outros elementos que aparecem como sendo importantes para a menina de 7 anos que durante a atividade foi *acusada* pelos coleguinhas de ser burra, não saber desenhar e que havia reprovado na escola. A menina mescla os contrastes e a beleza natural do Serviluz numa folha de papel e aproveita para demonstrar afeto à pesquisadora, como no desenho 1.



Desenho 3: Menino, 12 anos – Estiva.

Um menino de 12 anos representa de maneira interessante um prédio alto verde-amarelo e o Farol Velho¹⁴ dentro de um arco-íris gigante. A dimensão de que a natureza pertence a esses dois universos, ou melhor, ponto de interseção entre eles, não havendo distinções: o Serviluz e a cidade. Mas os moradores no geral acreditam que a beleza vista do Serviluz seja única e a mais bela.



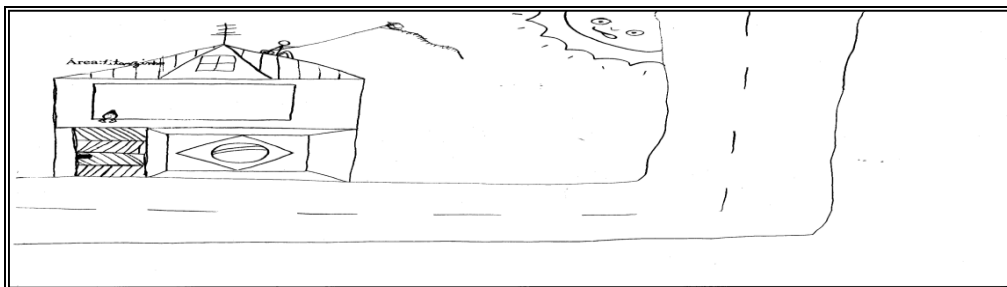
Desenho 4: Menina, 10 anos – Titanzinho.

No desenho de número 4 a natureza prevalece novamente, mas com alguns elementos novos e que se completam com objetos apresentados nos desenhos acima: a Lua que está ao lado do Sol, uma flor ao lado do Farol Velho e um prédio alto e vermelho.

No desenho temático *Casa/Rua* as crianças desenharam suas casas e suas ruas, onde pode-se perceber a estrutura, o meio social e as casas de alguns segmentos do

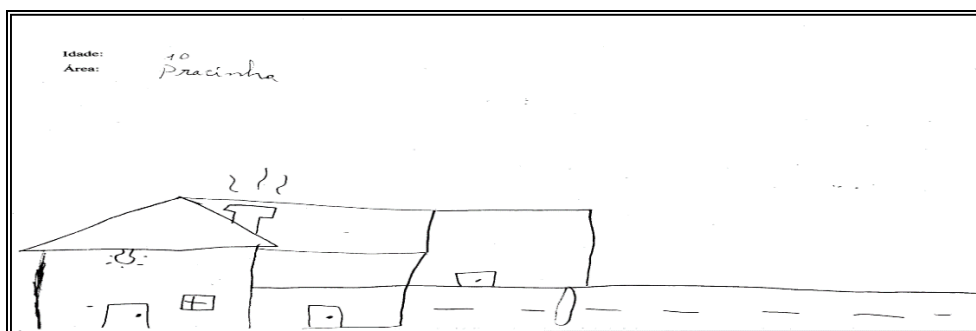
¹⁴ O Farol Velho é uma representação significativa tanto para as crianças e como para os jovens da comunidade, como símbolo da história do lugar e onde se instaurou a prostituição em décadas passadas. Mas ele é visto também como uma marca e fazendo parte da beleza do Serviluz.

Serviluz onde elas moravam, mas também dizem muito do imaginário que elas possuem entre a *casa* e a *rua*, e que tipo de casa gostariam para si. Casas pequenas, simples ou duplex, com portão de ferro, casas amontoadas e próximas as ruas onde passam carros.



Desenho 5: Menino, 11 anos – Titanzinho.

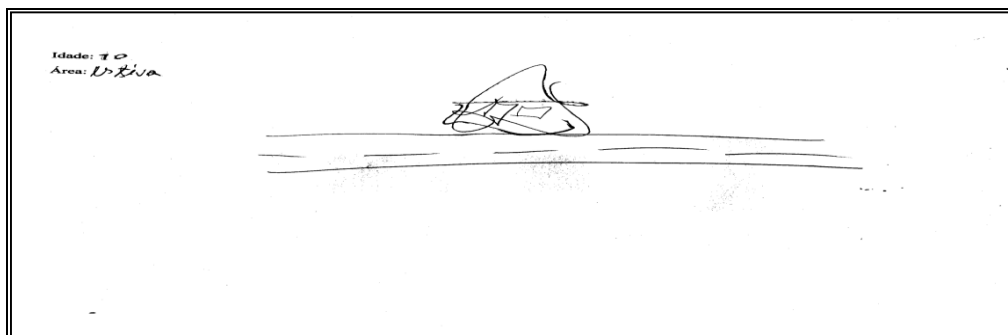
O primeiro desenho desta temática ilustra uma casa que se prepara para receber a Copa 2014 (bandeira pintada no muro). O futebol como atividade recorrente nas brincadeiras infanto-juvenis e se perfazendo como uma das práticas educativas nos projetos. O nacionalismo se expressa fortemente em períodos de Copa do Mundo no local, pois ruas inteiras se unem para enfeitar as ruas e as casas. Uma casa numa rua larga e extensa, com antena parabólica, duplex, na janela alguém observando a rua, uma criança brincando de pipa e num dia de Sol. A prática de observar a rua é uma recorrência no cotidiano do Serviluz e acontece em qualquer horário do dia ou da noite e por todos os gêneros e gerações.



Desenho 6: Menino, 10 anos – Pracinha.

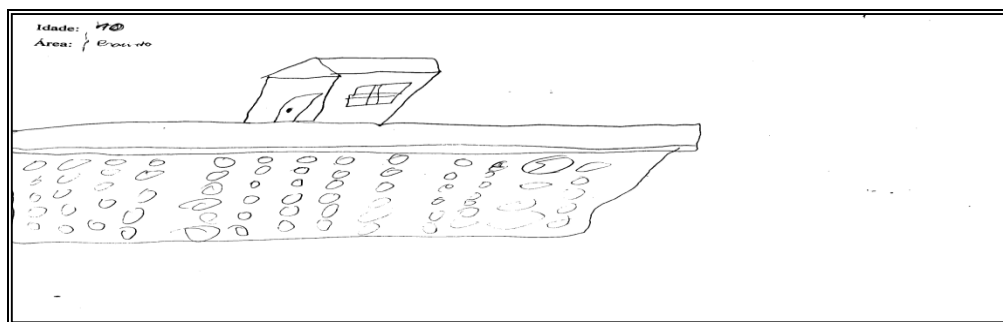
Essa segunda casa possui uma extensão para os fundos, típica casa que abriga muitos moradores e onde as gerações da família vão permanecendo depois de casar e ter filhos. Nela há luz elétrica (luz na porta) e uma chaminé. A falta de energia elétrica é um fator que ainda atinge algumas famílias da comunidade, ou por corte e falta de pagamento ou por não ter condições de pedir esse serviço, mas também por falta de iluminação pública em grande parte das ruas. Anailton certa vez foi fazer uma atividade missionária

na Pracinha, mas não havia energia na rua e metaforizou dizendo: “Nós levamos luz para aquele lugar”.



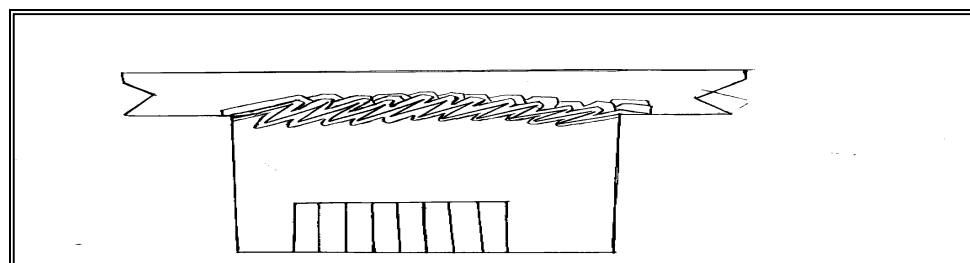
Desenho 7: Menino, 10 anos – Estiva.

A casa do desenho 7 é simples e se localiza no meio de uma rua estreita e pouco extensa. Nesse sentido, muitas casas estão localizadas em becos e alguns sem saída.



Desenho 8: Menino, 10 anos – Pracinha.

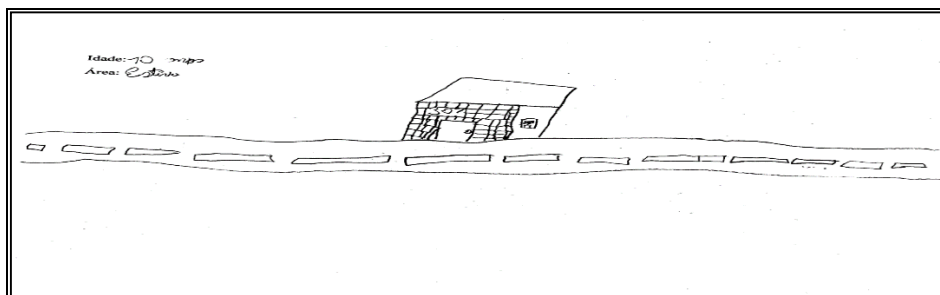
O menino de 10 anos apresenta em seu desenho uma casa simples numa rua esburacada. Esses aspectos são visíveis pelas ruas do Serviluz e em muitas delas não só há a falta de pavimentação, mas também, lama e esgotos transbordando. O saneamento básico é outro grande problema do lugar.



Desenho 9: Menino, 11 anos – Titanzinho.

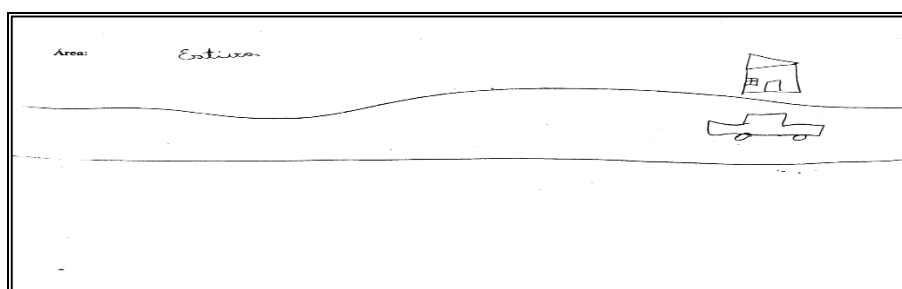
No desenho 9 a casa tem cerca elétrica e um portão de ferro, simbolizando a segurança desta. Um ideal de casa que o menino que a desenho tem, mas também pode

ser imaginada como uma casa de algum comerciante local, pois a maioria de casas assim pertencem aos pequenos comerciantes (donos de padarias, mercearias e peixarias).



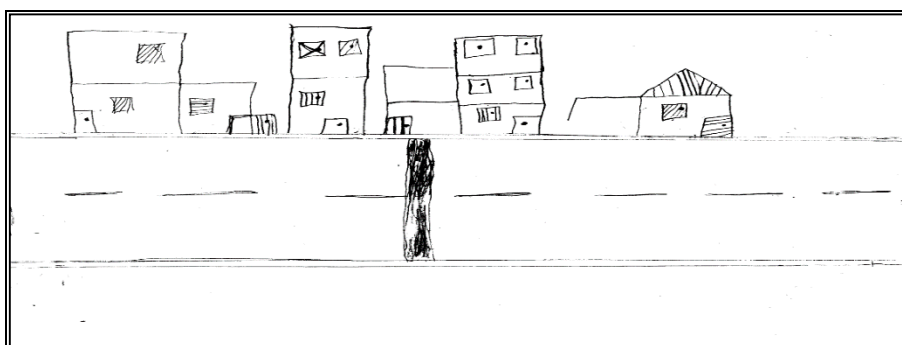
Desenho 10: Menino, 10 anos – Estiva.

Uma casa em forma de quadrado e identificada pelo nº 307 numa rua extensa é caracterizada no desenho 10. As deformidades desta casa faz lembrar do aspecto de sempre estarem em construção e reconstrução algumas casas do Serviluz, pois não há um dia durante a semana que se passe pelas ruas e não se observe isto, ou por reformas na casa ou famílias que saem dos barracos e conseguem construir casas de alvenaria.



Desenho 11: Menina, 11 anos – Estiva.

No desenho 11 há uma casa de esquina, rua extensa e onde passa um carro. Parece demonstrar a pouca movimentação nas ruas, ou melhor, o pouco fluxo de carros nas ruas da Estiva, que é uma característica deste lugar.



Desenho 12: Menino, 11 anos – Titanzinho.

Uma apresentação diferenciada dos outros se apresenta neste desenho: uma rua larga com uma faixa de pedestres, com casas de diferentes formatos e estilos, amontoadas ou não. Esse desenho ilustra alguns elementos que encontramos não apenas no Titanzinho, mas em todo o Serviluz, assim como em outras periferias da cidade de Fortaleza. Poderiam ser vistas como casas no meio de Avenidas e que contrastam com a urbanização acelerada dos espaços.

Na análise de Magnani (2003) sobre a categoria *pedaço*¹⁵ há duas dimensões: a dimensão física-espacial e a dimensão social. O *pedaço* conjuga atores sociais num espaço físico que pode ser o mesmo para muitos, mas que tem a possibilidade de mobilidade de acordo com os usuários. Conforme as percepções empíricas de Magnani, o *pedaço* é o lugar de intermédio entre a “casa” e a “rua”. O *pedaço* propõe uma socialidade de outra ordem, as pessoas criam novos laços, “tratam das diferenças, alimentam, em suma, redes de socialidade numa paisagem aparentemente desprovida de sentido ou lida apenas na chave da pobreza ou exclusão” (MAGNANI, 2003, p. 86). A dimensão social desta categoria traz um aspecto relevante para a compreensão das áreas de conflito do Serviluz, pois o reconhecimento e o pertencimento são fundamentais para a construção e manutenção do *pedaço*. O compartilhamento, o lugar dos iguais e o reconhecer-se no outro são aspectos intrínsecos e percebidos nas narrativas das crianças e dos moradores sobre essas áreas de conflito.

A noção de *segmentaridade* foi construída pelos etnólogos referindo-se as sociedades ditas primitivas, sem aparelho de Estado central fixo, sem poder global e nem instituições políticas especializadas (1996). Os segmentos sociais possuem certa flexibilidade, segundo Deleuze e Guattari, entre tarefas e situações, entre fusão e cisão, há forte comunicação entre os heterogêneos e os ajustamentos entre eles podem se seguir de diversas maneiras. Assim, como acontece com os segmentos Titanzinho, Estiva, Pracinha e os tantos outros no Serviluz, eles interagem entre conflitos e interações, se ajustam, se motivam e os moradores os justificam, os vivem de variadas maneiras. “A segmentaridade primitiva é, ao mesmo tempo, a de um *código* polívoco, fundado nas linhagens, suas situações e suas relações variáveis e a de uma *territorialidade* itinerante,

¹⁵ Categoria êmica que emergiu numa pesquisa realizada por Magnani e que vem contribuindo para muitas pesquisas de antropologia urbana.

fundada em divisões locais emaranhadas” (DELEUZE E GUATTARI, 1996. PP. 84 e 85).

Deleuze e Guattari (1996) subdividem a *segmentaridade* em dois tipos: uma “primitiva” e flexível e outra “moderna” e dura. Esta última própria do Estado moderno e de seu sistema altamente organizado, por isso a denominam de “dura”. Mas tal divisão é apenas para fins analíticos e uma complementa a outra, há uma interdependência e, logo, “[...] nossas sociedades continuam banhando num tecido flexível sem o qual os segmentos duros não vingariam [...]. Toda sociedade, mas também todo indivíduo, são, pois, atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular”. (DELEUZE E GUATTARI, 1996, p. 90). Então, pode-se dizer que as *segmentaridades* do Serviluz são compostas por segmentaridades flexíveis e “duras” ao mesmo tempo, se pensarmos nas interações sociais, no policiamento comunitário, nas disputas diversas, nos jovens armados, nas vítimas, nos conflitos sociais, na maneira como políticos, moradores, traficantes simbolizam o território. Tudo está convergindo ao complexo e a heterogeneidade nesses territórios se alarga *num piscar de olhos*.

O Serviluz não é apenas constituído por segmentos simbólicos do tipo “primitivo” ou flexível, e sim ambas as *segmentaridades* se projetam nele, pois a segmentaridade não foi destituída da vida moderna, mas está acabou por endurecê-la singularmente (1996), e diria, paulatinamente durante todas as sociedades humanas, ou seja, a *segmentaridade flexível*, antes usada como instrumento para dar conta das sociedades “primitivas”, é importante caminho para analisarmos o contexto cotidiano de uma comunidade que não está excluída da ordem da cidade e dos domínios do governo, afinal, faz parte de todo esse complexo e, também, pode-se considerar as projeções de uma *segmentaridade dura* estabelecida pelos *bichões da favela* diante das regras e ordenamentos implementados para o tráfico de armas e de drogas, ou até mesmo aquelas estabelecidos pelos coordenadores de projetos sociais e de associações em geral ditando as regras e os princípios morais para crianças e jovens, mas também, podemos lembrar, por exemplo, das igrejas existentes na comunidade que procuram galgar ainda mais fiéis e estimulando para que eles continuem naqueles espaços. Enfim, a *segmentaridade dura* não se reflete apenas do exterior para o interior, mas o inverso também ocorre.

A cidade é *segmentarizada*, o bairro, a comunidade, a “favela”, as ruas, as casas, os signos, os significados, os significantes, os sujeitos sociais são *segmentarizados*.

Tudo que nos constitui, que nos é intrínseco, que está dentro de uma configuração social de relações *intra* e intersubjetiva é *segmentarizado*. Tais segmentaridades estão tão incrustadas que até para essa pesquisa foi necessário *segmentarizar* os interlocutores e seus discursos, e isso é sim uma crítica ao nosso modo de produção de conhecimento. Não podemos retirar-se das *segmentaridades*. Pois para compreender, entender, analisar as dinâmicas que se apareciam em campo foi necessário compartimentar tudo em *segmentaridades*. Algumas vezes *ternariamente* e *binariamente*, oposições duais: adultos e crianças, e outras vezes *linearmente*, para perceber como cada segmento representava um processo. A segmentaridade binária, a circular e a linear (1996) perpassam umas nas outras sem uniformidade e são transformadas na própria discursividade dos sujeitos sociais que contextualizam e significam os segmentos de conflito na comunidade pesquisada.

Considerações

Ser criança e estar na “favela”. Como se constrói as interfaces desse misto? Ser criança na “favela”, pertencer a uma gama de estereótipos que a primeira vista parecem vir apenas do *exterior*, mas se encontra *dentro* e *fora* ao mesmo tempo. Ser criança na “favela” e construir interações e produzir subjetividades marcadas pela violência, pelas perdas, pela dor e depois de tudo isso continuar brincando. Dessa maneira, que as crianças do projeto driblavam o contexto violento *dentro* e *fora* de seus mundos infantis, pois a brincadeira era mais relevante do que as “acusações” e na brincadeira que se teciam as crianças, onde “acusar” também era uma maneira de brincar com o colega. Mas em outros momentos, “acusar”, ferir verbalmente, ferir fisicamente e imputar atributos por conta de uma área estigmatizada dentro da “favela” poderia ser percebido como ultrapassando o limite da brincadeira ou do que entendemos como tal.

A “favela” é um mosaico social e uma construção de todos que passam por ela. Intersubjetividades entrecortadas por perspectivas, projeções, desejos mesclados entre os conflitos sociais e a rede de relações. Como a música¹⁶ diz: Eu não voltei mais na favela/ Mas sei que nada melhorou (...)/ Só quem conhece a favela/ É que entende bem que ela/ Não é igual ao carnaval/ Pois quem vê o povo tão contente/ Pensa que o morro é

¹⁶ *Minha Favela* (1968). Letra de Clodoaldo Brito (cotó) e Francisco Dias Pinto. Esse trecho foi extraído do texto *A palavra é: favela*. (2006). Consultar referências.

diferente/ Não sabe o que é viver tão mal. A “favela” tem suas belezas, mas só quem vive lá sabe, conhece e sente como é viver na “favela”.

Ser criança e estar na “favela” é em muitos aspectos diferente de *ser criança* e estar na “cidade-favela”. A “cidade-favela” são os lugares da cidade que não são rotulados como “favela”, mas que, também, são “favela”. As pessoas moradoras das favelas estão trabalhando e desempenhando diversas atividades rotineiras nesses lugares. As intersubjetividades, os discursos, a maneira de se expressar verbalmente ou a maneira de não-dizer, os *corpos atomizados* num contexto de “favela” parecem estar “marcados”, “condenados” pelo *exterior*, ao ponto de o *exterior* adentrar no *interior* e agir da mesma maneira com os seus e com aqueles que partilham a “favela” com você. Não há ordem social fixa, mas atomizada nas situações sociais da vida cotidiana do Serviluz e de toda a “cidade-favela”.

A *segmentarização* não junta pedaços, mas constrói estratégias de sobrevivência, de subjetivação e modos de se relacionar dentro da “favela”. As crianças do Serviluz vão construindo suas culturas, são produtoras de cultura e de práticas violentas como todas as outras crianças de qualquer outra “favela” ou de qualquer outro bairro considerado privilegiado na sociedade, ou seja, independente do espaço social e da ordem cultural.

Dessa maneira, as “acusações”, as maneiras de “delatar” e a violência simbólica praticadas pelas crianças do Serviluz não são aspectos exclusivos desses meninos e meninas, mas podem ser visualizados em outras realidades sociais, em outros contextos e universos infantis, se pararmos para analisar e compreender suas relações intersubjetivas e percepções sobre o mundo social. Sem generalizar o problema, as crianças desta pesquisa se encontram em muitos universos, seja no Brasil ou em outros países; isto dá um tom infundável de questões e possibilidades de pensar sobre a construção da infância e de como elas pensam seus contextos e suas trajetórias.

Referências

ALMEIDA, Rosemary. *Violência, identidade e processos organizativos: o forró da bala como cenário de análise*. 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1995.

ALTMANN, Helena. *Barbie e sua história: gênero, infância e consumo*. Pro-Posições, v. 24, n.1 (70), p. 275-279, jan./abr. 2013.

AMPERJ LEGISLAÇÃO. *Estatuto da Criança e do adolescente*. Lei nº 8.069, de 13.julho.1990.

ANJOS JÚNIOR, Carlos Versiani. *A serpente domada: um estudo sobre a prostituta de baixo meretrício*. Fortaleza: UFC, 1983.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
AUGÉ, M. *Os não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Super-Modernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BARREIRA, César. *Banditismo e Práticas Culturais: A Construção de uma Justiça Popular*. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 41, nº 2, jul/dez, 2010, p. 73-82.

_____. *Cotidiano despedaçado: Cenas de uma violência difusa*. Fortaleza: UFC/FUNCAP/CNPq-Pronex; Campinas, São Paulo: Pontes Editoras, 2008.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. A cidade e o medo. In.: *(In) Segurança e Sociedade*. Treze lições. BARREIRA, César e BATISTA, Élcio (orgs.). Campinas, São Paulo: Pontes Editoras e Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2011.

BECKER, Howard. *Falando da Sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. A História de Vida e o Mosaico Científico. In: *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Violência Simbólica e Lutas Políticas. In.: *Meditações Pascalianas*. Oeiras: Celta Editora, 1998.

CAMPOS, José Tiago de Queiroz Mendes. *Um lugar do tamanho do mundo: socialidade e narrativas do Serviluz*. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

CERTEAU, Michel de. Terceira parte: práticas de espaço. In: *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer; 18 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. Trad. Lia Gabriele R. Reis. Rev. Maria Letícia B. P. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Espaços, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan, 1991.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Micropolítica e segmentaridade. In.: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3/tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik – São Paulo: Ed. 34, 1996.

DELGADO, Ana Cristina C.; MULLER, Fernanda. Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 351-360, maio/ago. 2005.

DIÓGENES, Glória. Grupos identitários e fragmentação social: A violência como “marca”. In: SANTOS, José Vicente T. (org.): *Violências em tempo de globalização*. São Paulo: Hucitec, p. 164-182.

ELIAS, Norbert. Parte II: Sinopse. In.: *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FABIAN, J. A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação. *Mana*, vol. 12, n. 2, pp. 503-520, 2006.

FAVRET-SAADA, J. *Être affecté*, Gradhiva. Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie, v. 8, PP. 3-9.

PIRES, Flávia. *Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica*. Revista de Antropologia, V. 50, n. 1, USP, 2007.

FONSECA, Claudia. O abandono da razão: a descolonização dos discursos sobre a infância e a família. Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de
Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21ª edição. São Paulo: Edições
2011.

_____. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições
Grael, 1997.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1983.

FRAGA, P. D. Violência: forma de dilaceramento do ser social. *Serviço Social &
Sociedade*. Ano XXIII, n. 70, p.44-58.

FREUD, S. *Luto e melancolia*. Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 12. Tradução de
Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original
publicado em 1917).

GEERTZ, Clifford. O pensamento como ato moral: dimensões éticas do trabalho de
campo antropológico nos países novos. In.: *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de
Janeiro: Zahar, 2001.

GINZBURG, Carlo. *O Fio e os Rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio
de Janeiro: LTC Editora, 2012.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica.
Etnográfica, vol. X, n. 1, pp. 161-173, 2006.

GREGORI, Maria Filomena e SILVA, Cátia Aina Pereira da. *Meninos de Rua e
Instituições: tramas, disputas e desmanche*. São Paulo: Contexto, 2000.

GREGORI, Maria Filomena. *Viração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

IPECE Informe. *Perfil Municipal de Fortaleza*. Nº 42, out. 2012.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n. 49, 2002.

NOGUEIRA, André Aguiar. “*Fogo, vento, terra e mar: migrações, natureza e cultura popular no bairro Serviluz em Fortaleza (1960-2006)*”. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – PUC/SP, 2006.

PINHO, Érika Bezerra de Meneses. “*O tempo bom do Farol*”: transgressões, sociabilidade e afeto nas trajetórias de ex-prostitutas idosas. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

PRIORE, Mary Del (org.). *História das crianças no Brasil*. 7º. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

Relatório IDH Municipal. *Desenvolvimento Humano, por bairro, em Fortaleza*. 2014.

RODRIGUES, Lídia Valesca Bomfim Pimentel. *Vidas nas Ruas, Corpos em Percursos no Cotidiano da Cidade*. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

ROVERI, Fernanda Theodoro; SOARES, Carmen Lúcia. *Meninas! Sejam educadas por Barbie e “com” a Barbie...* Educar em Revista, Curitiba, n.41, p. 147-163, jul./set. 2011. Editora UFPR.

SÁ, Leonardo Damasceno de. *Guerra, Mundão e Consideração*. Uma etnografia das relações sociais dos jovens do Serviluz. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

_____. Cultura, violência e subjetividade. In.: *(In) Segurança e Sociedade*. Treze lições. BARREIRA, César e BATISTA, Elcio (orgs.). Campinas, São Paulo: Pontes Editoras e Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2011.

_____. Reflexões sobre o trabalho de campo como empreendimento micropolítico. In.: MENDONÇA FILHO, Manoel e NOBRE, Maria Teresa (orgs.). *Política e afetividade*. Salvador/São Cristóvão, Edufba/Edufs.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da Identidade e da Diferença. In: *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 73-102.

SIMMEL, Georg. *Georg Simmel: Sociologia*. Evaristo de Moraes Filho (org.). São Paulo: Ática, 1983, PP. 7-86/ 122-164.

_____. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Tradução Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VILHENA, J. Da cidade onde vivemos à uma clínica do território. Lugar e produção de subjetividade. *Pulsional Revista de Psicanálise*. São Paulo. Ed. Escuta. XV; n. 163, PP. 48-54.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência (2012) – Crianças e Adolescentes do Brasil. 1º edição. FLACSO Brasil - Área de estudos sobre a violência. Rio de Janeiro 2012.

WIEVIORKA, M. Pour comprendre la violence: l'hypothèse du sujet. *Revista Soc. Estado*, v.19, n.1, p.21-51, jun., 2004.

_____. O novo paradigma da violência. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 9, n.1, 1997.

ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos. (orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

A simplicidade do Serviluz, *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 10 de fevereiro de 2010. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/a-simplicidade-do-serviluz-1.734754>> Acesso em: 22 mar. 2014.

Uma nova onda para a juventude do Serviluz, *O Povo*, Fortaleza, 31 de março de 2014. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2014/03/31/noticiasjornalcotidiano,3228674/uma-nova-onda-para-a-juventude-do-serviluz.shtml>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

Cais do Porto: História do Titanzinho tem forte ligação com o mar, *O Povo*, Fortaleza, 26 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/colunas/opovonosbairros/2013/09/26/noticiasopovonosbairros,3136282/cais-do-porto-historia-do-titanzinho-tem-forte-ligacao-com-o-mar.shtml>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

Uma geração de jovens educada na cultura do medo, *Diário do Nordeste*, 25 de 10 de 2009. Disponível em: <[http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=683673Uma geração de jovens educada na cultura do medo](http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=683673Uma%20gera%C3%A7%C3%A3o%20de%20jovens%20educada%20na%20cultura%20do%20medo)>. Acesso em: 20 mar. 2013.